

## **RECEPÇÃO CALOUROS HISTÓRIA UEL 2020 – 07/07/2020**

### **MESA “HISTÓRIA PÚBLICA E HISTÓRIA DIGITAL: uma história da cultura digital ou uma cultura digital para a história”**

**Bruna Carolina Marino Rodrigues**

Quero começar minha fala a partir da relação entre História Pública e História Digital – relação essa, digamos, que surgiu desse encontro entre Tecnologia e História e pelas possibilidades de se fazer uma História que não ficasse restrita apenas aos acadêmicos, que ela de fato, dialogasse com o grande público e que o grande público participasse também da produção dessa história, por exemplo, por meio de depoimentos e aqui podemos pensar as contribuições da história oral para a História Pública através dos meios digitais.

Desse encontro, portanto entre a História Pública e a História Digital, caminhamos em direção a novos significados para a História produzida na universidade e para a história ensinada na sala de aula. Acredito também que entramos em um momento em que a História ocupe seus espaços no campo da divulgação científica e de contribuição social e cultural para nossa sociedade. Vivemos tempos difíceis – de um futuro incerto, mas também de inúmeras possibilidades para o campo da História no Brasil.

Com a pandemia, definitivamente a História entrou no ciberespaço, quando iniciei minha pesquisa em 2017, ainda havia resistência de uma boa parte da academia quanto ao uso das tecnologias na produção do conhecimento histórico. Dos apocalípticos aos integrados, nos termos de Umberto Eco, isto é, da tecnologia como alienação da vida social para o grupo dos apocalípticos ou para os outros como a salvadora da humanidade. A tecnologia estava tornando-se o centro dos debates acadêmicos nos últimos 10 anos. O fato é com a pandemia, nós tivemos que integrar a tecnologia as nossas práticas de maneira rápida, não estávamos preparados para isso. Não tivemos tempo para pensar ou calcular os caminhos. Essa entrada brusca, nos levou a novas relações de trabalho, sociabilidades e de comunicação.

A cultura digital, portanto, impactou a História de várias maneiras, seja através da cultura escrita (hipertextos que podem estar integrados as várias mídias), dos novos suportes de armazenamento, das novas formas de comunicação dos resultados da pesquisa acadêmica, de divulgação histórica ou ainda das fontes digitalizadas e das fontes nascidas no digital. Podemos dizer então que a “virada digital”, utilizando os termos do historiador Andreas Fickers<sup>1</sup>, tem transformado a História e a produção de seu conhecimento de tal forma que estamos nos aproximando de uma nova forma de crítica de fonte em um historicismo digital.

De fato, temos dois modos em que o digital se manifesta no campo da História: a História na era digital no qual estamos imersos e a História nascida digital que implica no uso das tecnologias em todo processo de produção histórica. Vale ressaltar que ambas as

---

<sup>1</sup> FICKERS, Andreas “Towards a New Digital Historicism? Doing History in The Age Of Abundance”, **Journal of European Television History & Culture** 1, no. 1, 2012. Disponível em: <http://www.viewjournal.eu/index.php/view/article/view/jethc004/4> .

formas não são excludentes, mas complementares, pois projetam problemas parecidos em relação às formas de pesquisa e de divulgação histórica na *web*.

A materialidade das fontes guardadas nos arquivos foi transfigurada/modificada em números, códigos que se transformam em escritos digitalizados ou são a própria fonte como blogs, sites, plataformas de vídeos e redes sociais.

Por isso, vou apresentar para vocês um arquivo da *web*, The Internet Archive, que é um exemplo interessante, sobre o armazenamento e preservação das fontes nascidas digitalmente. De todo modo, apresento alguns projetos que podem ser interessantes para se pensar uma História que possa ser feita com e para o público em geral.

Vamos então, tratar do arquivo da Internet, The Internet Archive<sup>2</sup>, foi criado em 1996 pelo engenheiro da computação Brewster Kahle, que tinha por intuito criar um arquivo para preservação do passado da *web*. Sua sede se localiza em São Francisco, Califórnia, Estados Unidos. A princípio, The Internet Archive, começou rastreando as páginas da *web* e discursos dos presidentes dos Estados Unidos. Sua intenção era preservar esses discursos para que o que foi dito por eles não fosse esquecido. De todo modo, Kahle percebeu que a efemeridade da internet, poderia causar grandes perdas materiais para a história, por isso então, decidiu criar um arquivo para preservação das páginas da internet. Posteriormente, The Internet Archive se tornou um arquivo da *web* que pretende digitalizar e arquivar todo material possível para estar acessível de maneira aberta a todas as pessoas do mundo.

Seu arquivamento acontece por meio de rastreadores, *crawler*, que são programados para navegar pela *web* arquivando sites variados e redes sociais que estejam abertas pelos seus criadores. O rastreador também se movimenta na *web* no rastro dos usuários e de suas movimentações, por exemplo, páginas que são muito acessadas serão mais arquivadas, já por outro lado se o site ou rede social não tiver popularidade, o rastreador não vai arquivar. Após feito o rastreamento, a página arquivada será recuperada através do The Wayback Machine, que então (re)cria a página da *web* com informações gerais e de dados do dia da captura. Vocês irão perceber, que uma fonte que é arquivada na *web*, não consegue preservar todos os dados como *links*, vídeos, fóruns e informações dos usuários. Talvez essa seja a especificidade de se trabalhar com fontes nascidas em ambientes da *web*, você não consegue recuperá-las em sua integridade, há dados que serão perdidos.

O Museu da Pessoa<sup>3</sup> também é um projeto interessante para se pensar a relação entre o público e suas memórias, o processo de curadoria e de construção de conteúdo realizado conjuntamente com o público. Vejamos, o Museu da Pessoa nasceu em 1991, antes da internet. Em 1997 abriu seu espaço virtual para receber histórias pela internet. Desde 2014 passou a receber também coleções montadas pelos usuários. Em 2009, criou uma Tecnologia Social de Memória para apoiar pessoas, comunidades e instituições a

---

<sup>2</sup> O arquivo da *web* em questão, foi utilizado ao longo da minha pesquisa de mestrado que resultou na dissertação “Navegando pelo passado: Redes Sociais e os Problemas da Historiografia na Era Digital”. Foi a partir do The Internet Archive que recuperei as páginas da rede social Café História (2008-2017), que já não estavam mais disponíveis na *web*. Portanto, os arquivos da *web* se configuram como importantes repositórios para a busca e pesquisa das fontes nascidas digitalmente como sites, redes sociais, blogs entre outros. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em 02/08/2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em 02/08/2020.

registrarem suas histórias. Seu acervo conta com mais de 1000 registros de histórias de vidas de milhares de brasileiras e brasileiros. De todo modo, o Museu da Pessoa tem por missão a preservação do conhecimento e a divulgação dessas histórias de vida para futuras gerações, através do recolhimento da memória oral, transformando-a em fonte de pesquisa<sup>4</sup>.

HistoryPin<sup>5</sup> é um site de arquivo digital histórico de fotos, áudios, vídeos de lembranças sociais. HistoryPin funciona através do *Google Maps* onde, por exemplo, a pessoa pode marcar a localização de suas lembranças. Os usuários ainda podem inserir as fotos e compará-las com a aparência atual do lugar. Projeto intergeracional criado pela empresa *Shift* em parceria com o Google. Nesse site, as pessoas podem comentar e inserir suas lembranças criando coleções com fotos, áudios ou até mesmo marcando um “lugar” através do *Google Maps* onde tem uma relação afetiva. Sendo assim, HistoryPin é um site que pretende reunir milhares de pessoas de diferentes culturas, lugares e gerações para escrever sobre suas lembranças do passado visando assim escrever uma história que é da humanidade.

O projeto “Excluídos da História”<sup>6</sup> da Olimpíada Nacional em História do Brasil, é outro exemplo muito interessante, de disponibilização de um rico material para uso em sala de aula e para pesquisas históricas. Os olímpianos e suas equipes tiveram que fazer pesquisas sobre figuras de suas regiões que foram “esquecidas” pela História. Neste contexto, podemos demonstrar a importância de projetos como da ONHB para divulgação científica da História, valorizando o trabalho autoral dos olímpianos (dos alunos e seus professores).

O Café História<sup>7</sup> que há mais de 10 anos têm realizado um trabalho excelente de divulgação científica da História, a princípio em 2008, como rede social<sup>8</sup> tornou possível a História estar na rede/web, agregando um número expressivos de historiadores e historiadoras do Brasil e do exterior, que começavam a navegar pelo ciberespaço. E, após 9 anos, a rede social foi desativada e migrou para um site, o Wordpress, com foco agora na divulgação científica. O Café História é a principal referência em divulgação da História para o grande público no Brasil.

Portanto, o encontro entre História Pública e História Digital nos oferece inúmeras possibilidades para pesquisa acadêmica (teorias, metodologias e projetos científicos) e novos projetos de divulgação da História com outros formatos de escrita para o grande público utilizando-se das tecnologias digitais, isto é, uma história feita para, com e pelo

---

<sup>4</sup> Para mais informações ver em: Henriques ROSALI MARIA NUNES. A experiência do Museu da Pessoa: a história do cotidiano em bits e bytes. In: XI Encontro Nacional de História Oral: memória, democracia e justiça, 2012. Disponível em: [https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967\\_ARQUIVO\\_historia\\_oral\\_rosali.pdf](https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967_ARQUIVO_historia_oral_rosali.pdf). Acesso em 07/08/2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.historypin.org/en/>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/verbetes>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/>

<sup>8</sup> Você pode acessar os arquivos da rede social Café História através do The Internet Archive, disponível em: [https://web.archive.org/web/\\*/http://cafehistoria.ning.com/](https://web.archive.org/web/*/http://cafehistoria.ning.com/)

público (SANTHIAGO, 2016)<sup>9</sup>. Além disso, que possamos fazer uma História engajada e que exercite sua auto-reflexividade utilizando-se dos caminhos trilhados pelo recente campo da História Digital no Brasil.

Querido colegas, há 9 anos eu estava assim como vocês na posição de caloura ingressando no curso de História na UEL e, ter entrado para universidade foi uma das coisas mais importantes que já fiz, tenho certeza de que essa experiência será única. Apesar das adversidades que enfrentamos, e dos ataques às Universidades Públicas, tenho certeza de que vocês abriram seus horizontes diante dos conhecimentos que a UEL pode oferecer a vocês, aproveitem tudo que a universidade oferece: projetos de iniciação científica, projetos de extensão, laboratórios, bibliotecas entre outros espaços da UEL e, sobretudo, aproveitam todas as possibilidades do curso de História no formato em que foi planejado para oferecer a vocês um ensino comprometido e de qualidade. Um abraço forte.

Relembrando um ditado popular brasileiro:

“A boa filha, a casa torna”.

---

<sup>9</sup> SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.